

Imagem, Educação e Africanidades

Oficinas de Fotografia em Escolas Públicas de Campinas

Políticas da Imagem, Educação e Africanidades
Aluno: Claudio Camargo
Orientação: Alik Wunder
Faculdade de Educação da Unicamp.
PIBIC-SAE
Fotografia-Educação-África

Esta pesquisa está ligada ao projeto “Fabulografias” desenvolvido na Faculdade de Educação da Unicamp, vinculada ao grupo de pesquisa OLHO. Sendo realizada em conjunto aos projetos: “Fabulografias em áfricas-cartões postais” PIBIC Jr. 2010-2013 e o “In-ventos por entre áfricas, imagens e literaturas”.

Utilizamos como característica metodológica a pesquisa participante, na qual o pesquisador propõe a transformar, a partir de uma ação educativa e também transforma-se na relação.

Manipular a foto digital é encontrar linhas de fuga nos discursos oficiais. É dar espaço ao interior inaudito passando a ser dito. A disseminação da tecnologia da foto em celulares, câmeras, “gadgets” e afins, permitiu um transformar da tentativa de apreensão da realidade para um ficcionar a realidade.

Rancière em *A Partilha do Sensível* diz que “O Real precisa ser ficcionado para ser pensado.”, isso não significa dizer que tudo é ficção. Mas que “A política e a arte, tanto quanto os saberes, constroem “ficções”, isto é, rearranjos *materiais* dos signos e das imagens, das relações entre o que se vê e o que se diz, entre o que se faz e o que se pode fazer.” (Rancière, 2004 p.59).

Trabalhar nas oficinas as imagens é lidar com signos de signos. No formato atual da escola, nos meios de comunicação tudo é muito pasteurizado em formatos pré-definidos daquilo que chamamos comumente de clichê. Não trata aqui de exterminá-lo, mas exauri-lo, rearranjá-lo, brincar com ele.

Ao mesmo tempo que lidamos com a imagem de uma África negra, branca, exótica, inclusive a própria imagem que fazemos de nós enquanto nação brasileira com seus estereótipos, podemos abrir espaço para uma *ruptura assignificante*. Reterritorializando signos.

A fotografia experimentada como criação coletiva (O Coletivo Fabulografia) traz pessoas com propostas, pensamentos, formações, identidades, histórias de vida dispares que se unem num propósito criativo, fazendo circular discursos multifacetados que escapam ao controle disciplinar.

Vejo o resultado pela ótica do Rizoma com múltiplas *conexões*, não existe um ponto de mediação claro e muito das provocações e elementos disparadores não cabem em disciplinas. Não tem como prender o vento numa caixa, ele simplesmente perpassa frestas e movimenta o que esta escondido em cantos insuspeitos.

A fotografia possibilita uma abordagem mais heterogênea e múltipla, não demarcada por uma fronteira disciplinar. A *heterogeneidade* dos membros e das ideias e dos resultados artísticos que surpreendem, seja do estudante, do professor doutor ou do músico. Não há uma hierarquização, pois possui uma *multiplicidades* de caminhos onde ocorrem conexões de todos os tipos.

A fotografia possui uma ambiguidade moral e “O conteúdo ético das fotos é frágil” (Sontag, 2004 p.31). Ao mesmo tempo as “Fotos não podem criar uma posição moral, mas podem reforça-la.” (Sontag, 2004, p.28). Por ser de fácil manipulação as imagens são usadas como forma de comprovação de interesses: ideológicos, políticos, econômicos, etc.

Por essas características é importante atividades como a Oficina “Que áfricas, ventam por você?”, pois trazem ao universo escolar o embate dos discursos por detrás das imagens.

A oficina não trata de maneira racional o tema, mas pelo sensível, busca nas frestas dos discursos oficiais linhas de fuga e outros planos, educa através do movimento da criação artística.

Garaudy no final de seu livro *Dançar a Vida*, diz que a dança foi expulsa do currículo e da escola, sendo as outras artes marginalizadas. Teatro é estudado enquanto texto, artes plásticas são ilustrações dos livros de história. E o ato da criação estética e artística é um ato político e revolucionário. E com uma frase deste livro encerro este relato: “Não existe ato mais revolucionário do que ensinar um homem a enfrentar o mundo enquanto criador.” (Garaudy, 1980, p.184).

Referência

GALLO, Silvío. *Deleuze e a Educação*. Belo Horizonte – MG; Autêntica, 2008.
GARAUDY, Roger. *Dançar a Vida*. Rio de Janeiro; Editora Nova Fronteira, 1980.
RANCIÈRE, Jacques. *A Partilha do Sensível*. São Paulo; Editora 34, 2009.
SOTANG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo; Companhia das Letras, 2004.

